

poéticas políticas

Díade poética para a greve e seus conflitos

Diada poética por la huelga y sus conflictos

Poetic dyad for the strike and its conflicts

Pedro Henrique Antunes da Costa¹

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: phantunes.costa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2404-8888>.

Submetido em 28/06/2024

Aceito em 30/07/2024

Como citar este trabalho

COSTA, Pedro Henrique Antunes da. Díade poética para a greve e seus conflitos. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 873-877, jul./dez. 2024.



InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais
v. 10 | n. 2 | jul./dez. 2024 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS | ISSN 2447-6684

Primeiro volume do dossiê *Pachukanis, insurgências e práxis: 100 anos de "Teoria geral do direito e marxismo"*, em coprodução com a **Revista Direito e Práxis**.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

A caneta e o punho

Antes da caneta
Vem o punho.
A caneta não se empunha sozinha.

Antes da caneta
Vem o pulso;
A tinta que escorre das veias.

Para começar negociações,
Muita voz se fez grito
Mas pouco brado foi escutado.

Para sentar-se à mesa,
As pernas, antes,
Muito caminharam.

Para empunhar a caneta
Pinçam-se os dedos,
Almofadando-a em calos.

Prévio às pilhas de rubricas,
Empilharam-se objetos;
Pessoas, suas vozes, seus corpos.

Se o papel aceita tudo,
Seguem os punhos cerrados
Como borrachas em vigília.

Contra a coisificação da luta:
Em vez de canetas-piloto,
Punhos humano-regentes.

Contra a solidão da caneta,
A solidariedade de dedos conectados.
De um punho que se abre
E se desdobra em afago.

Sobre o que (e quem) incomoda

Sentei-me à mesa.

Espero o pedido.

Já chega o primeiro.

Desvio o olhar.

Finjo que não vi.

“Bom dia, senhor. Posso falar um minutinho com você?”

“Hoje não, meu caro. Muito obrigado”.

“Tudo bem. Tenha um bom dia”.

Chega o pedido.

Café e pão na chapa.

Lá vem o segundo.

Evito contato visual.

“Olá, meu senhor. Posso mostrar meus produtos rapidinho para o senhor?”

“Hoje não, meu bem. Mas muito obrigado. E bom trabalho”.

Avisto o garçom.

“Opa. Meu caro...”

Aceno com a mão.

Ele chega.

“Me vê essa torta de limão, por favor”.

“Claro. Já trago para o senhor”.

Do nada surge o terceiro.

“Bom dia. O senhor poderia me ajudar? Estou com dificuldades, sem emprego.

Minha esposa tá doente. Qualquer quantia serve. Aceito PIX”.

“Hoje tá ruim, meu caro. Mas boa sorte”.

Os incômodos são constantes.

Fico aborrecido.

Encurto a estadia.

Tem sido cada vez mais difícil comer em paz na rua.

“Na próxima procuro um lugar na parte de dentro para não ser incomodado”.

Pago a conta.

Ainda estou tranquilo de horário.
A assembleia só começa daqui a 20 minutos.
Vou a pé.
Sento-me mais à frente.
Mexo no celular até o início.
Fala de abertura.
Informes.
Ponto de pauta: greve.

Começam as inscrições.
Chega o primeiro.
"Venho aqui argumentar contra a greve, afinal, são muitos os prejuízos..."
Olho e escuto atentamente.
"De fato, o cenário é inaceitável. Mas tenho muita preocupação com os impactos negativos da greve".

Realmente, os incômodos serão numerosos.
"As pessoas querem greve para ficar dentro de suas casas fazendo nada"
Decido-me.
"Regime de votação"
Voto contra.

Termina a contagem.
Miro os olhos com muita atenção.
"Ao todo, tivemos 250 votos contrários
E 50 a favor".
Escuto as comemorações.
Eu mesmo vibro.
Bate o alívio.
Não seremos incomodados.

Sobre o autor

Pedro Henrique Antunes da Costa

Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia. Professor do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Autor dos livros de poesia “Dialéticas: poesias político-afetivas” (Ape'Ku, 2020) e “Vida(s) Precária(s)” (Minimalismos, 2024).